

O CORPO DA MULHER NEGRA E A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REVISÃO DE INTEGRATIVA

THE BLACK WOMAN'S BODY AND OBSTRICAL VIOLENCE: INTEGRATIVE REVIEW

EL CUERPO DE LA MUJER NEGRA Y LA VIOLENCIA OBSTRICA: REVISIÓN INTEGRATIVA

Alysson Mateus Frutuoso Delmones¹
Maria Paula Araújo²
Tatiana Maria Melo Guimarães³

RESUMO: **Objetivo:** Analisar a prevalência da violência obstétrica entre mulheres negras e como ela se diferencia da violência sofrida por mulheres de outras raças/etnias. O estudo também busca explorar as implicações dessa violência na saúde física, psicológica e mental das mulheres negras, considerando fatores como racismo e desigualdades de gênero no atendimento à saúde. **Método:** Foi realizada uma revisão integrativa, utilizando o guia PRISMA-ScR para a condução e a estruturação dos resultados. As buscas foram feitas em bases de dados acadêmicas como PubMed, Scielo e BVS, com foco em artigos científicos relevantes ao tema. Foram incluídos estudos que abordam a violência obstétrica, racismo e os impactos na saúde das mulheres negras durante o pré-natal, parto e puerpério. **Resultados:** A pesquisa identificou que mulheres negras sofrem múltiplas formas de violência obstétrica, intensificadas por racismo e desigualdades de gênero. Elas relataram barreiras no acesso ao atendimento de qualidade, procedimentos realizados sem consentimento, e a falta de acolhimento durante o ciclo gravídico-puerperal (pré-natal, parto e pós-parto). O racismo institucional contribuiu significativamente para o agravamento dos impactos físicos e psicológicos dessas mulheres. **Conclusão:** Conclui-se que o racismo e o sexismo influenciam diretamente a saúde das mulheres negras, agravando a violência obstétrica sofrida por este grupo. As consequências dessa violência são profundas, afetando negativamente tanto a saúde física quanto a saúde mental e psicológica das mulheres negras, além de reforçar desigualdades no cuidado durante o período reprodutivo.

297

Palavras-chave: Mulheres e Mulher. Preta e Negra. Parda, Violência Obstétrica e Racismo. Cuidado. Pré-Natal. Consulta Pré-Natal. Parto. Período Pós-Parto. Puerpério.

¹Acadêmico. Centro universitário santo agostinho- UNIFSA.

²Acadêmica. Centro universitário santo Agostinho- UNIFSA.

³Mestre em enfermagem. Docente do centro universitário santo Agostinho- UNIFSA.

ABSTRACT: Objective: To analyze the prevalence of obstetric violence among Black women and how it differs from the violence experienced by women of other races/ethnicities. The study also aims to explore the implications of this violence on the physical, psychological, and mental health of Black women, considering factors such as racism and gender inequalities in healthcare. **Method:** An integrative review was conducted using the PRISMA-ScR guidelines for the reporting and structuring of results. Searches were performed in academic databases such as PubMed, Scielo, and BVS, focusing on scientific articles relevant to the topic. Studies addressing obstetric violence, racism, and their impacts on the health of Black women during prenatal care, childbirth, and postpartum were included. **Results:** The research identified that Black women experience multiple forms of obstetric violence, intensified by racism and gender inequalities. They reported barriers to accessing quality care, procedures performed without consent, and a lack of support during the pregnancy and postpartum cycle (prenatal care, childbirth, and postpartum). Institutional racism significantly contributed to worsening the physical and psychological impacts on these women. **Conclusion:** It is concluded that racism and sexism directly influence the health of Black women, exacerbating the obstetric violence experienced by this group. The consequences of this violence are profound, negatively affecting both the physical and mental health of Black women, while also reinforcing inequalities in care during the reproductive period.

Keywords: Women and Woman. Black and Mixed-race. Obstetric Violence and Racism. Prenatal Care. Prenatal Appointment. Childbirth. Postpartum Period. Puerperium.

RESUMEN: Objetivo: Analizar la prevalencia de la violencia obstétrica entre mujeres negras y en qué se diferencia de la violencia sufrida por mujeres de otras razas/etnias. El estudio también busca explorar las implicaciones de esta violencia en la salud física, psicológica y mental de las mujeres negras, considerando factores como el racismo y las desigualdades de género en la atención médica. **Método:** Se realizó una revisión integradora, utilizando la guía PRISMA-ScR para conducir y estructurar los resultados. Las búsquedas se realizaron en bases de datos académicas como PubMed, Scielo y VHL, centrándose en artículos científicos relevantes al tema. Se incluyeron estudios que abordan la violencia obstétrica, el racismo y los impactos en la salud de las mujeres negras durante la atención prenatal, el parto y el posparto. **Resultados:** La investigación identificó que las mujeres negras sufren múltiples formas de violencia obstétrica, intensificadas por el racismo y las desigualdades de género. Relataron barreras para acceder a atención de calidad, procedimientos realizados sin consentimiento y falta de apoyo durante el ciclo embarazo-puerperal (prenatal, parto y posparto). El racismo institucional contribuyó significativamente al empeoramiento de los impactos físicos y psicológicos sobre estas mujeres. **Conclusión:** Se concluye que el racismo y el sexismo influyen directamente en la salud de las mujeres negras, agravando la violencia obstétrica que sufre este grupo. Las consecuencias de esta violencia son profundas y afectan negativamente tanto la salud física como mental y psicológica de las mujeres negras, además de reforzar las desigualdades en la atención durante el período reproductivo.

Palabras clave: Mujeres y Mujer. Negra y Mestiza. Violencia Obstétrica y Racismo. Cuidado Prenatal. Consulta Prenatal. Parto. Período Postparto. Puerperio.

INTRODUÇÃO

Para abordar a saúde da mulher negra, é imprescindível considerar seu corpo como um espaço estético-político marcado por experiências sociais hostis e de exclusão (Carneiro, 2020). Compreender as características desse corpo vai além da análise física, demandando uma reflexão profunda sobre sua construção social e individual. Este trabalho explora as interações entre corpo, indivíduo e sociedade na população negra, reconhecendo sua complexidade e importância (Gomes, 2006).

O conceito de representação social ajuda a entender o corpo como uma expressão do sujeito no mundo, articulando-se com ele e absorvendo-o (Gomes, 2006). Essa perspectiva revela que a representação social é resultado da interconexão entre elementos afetivos, sociais e mentais, além de estar intrinsecamente ligada aos processos de comunicação, linguagem e cognição, bem como às dinâmicas das relações sociais.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) de 2017 reconhece o racismo institucional como um determinante social de condições e acesso aos serviços de saúde, buscando promover a equidade (Brasil, 2017). O racismo na saúde resulta em disparidades no acesso, qualidade do atendimento e resultados de saúde entre diferentes grupos étnicos, perpetuando-se através de crenças, atitudes e estruturas institucionais (Clark *et al.*, 1999).

Essa forma de discriminação não se limita a atitudes individuais, mas permeia instituições e sistemas sociais, resultando em uma hierarquização injusta e na marginalização de comunidades inteiras. O racismo institucional não apenas perpetua desigualdades históricas, mas também promove uma hierarquização injusta e sistemática, resultando em discriminação e exclusão de grupos com características físicas distintas (Lópes, 2012).

O termo de “violência obstétrica”, originada no movimento feminista, engloba diversas formas de violência e negligências no ciclo gestacional, afetando de forma desproporcional a comunidade negra devido ao racismo estrutural e institucional (Lima *et al.*, 2016). Essa concepção abarca não apenas abusos físicos, psicológicos e verbais, mas também procedimentos médicos considerados desnecessários e prejudiciais, como a realização de cesarianas sem justificativa clínica.

Tem-se como violência institucional a violência de gênero, violência no parto e violência na assistência obstétrica que são utilizados de maneiras intercambiáveis, contextualizando as agressões e omissões durante o período gravídico-puerperal (Lima *et al.*, 2016). Mulheres negras

frequentemente enfrentam tratamentos inadequados e desrespeitosos durante o parto, evidenciando a urgência de combater essa forma de violência e promover a equidade na assistência obstétrica (Soares, 2019).

A comunidade negra é a mais impactada por essa forma de violência devido ao racismo estrutural e institucional (Oliveira, 2021). Frequentemente, o corpo da mulher negra é erroneamente considerado menos sensível à dor, resultando em tratamentos inadequados e desrespeitosos em relação aos protocolos de parto estabelecidos pelo Ministério da Saúde (Saraiva *et al.*, 2023). Uma pesquisa envolvendo 77% mulheres, revelou que vivenciaram algum tipo de violência obstétrica. É crucial salientar que as mulheres negras são as mais afetadas por esse tipo de violência (Santos *et al.*, 2024).

Esta pesquisa busca investigar mais profundamente as implicações do racismo institucional, examinando como ele molda não apenas as estruturas sociais, mas também as percepções culturais e psicológicas, reduzindo a riqueza da diversidade humana a estereótipos biológicos. Ao explorar essas questões, esperamos contribuir para um maior entendimento das complexidades do racismo contemporâneo e, conseqüentemente, promover estratégias eficazes para sua mitigação e erradicação (Soares, 2019).

Tem como objetivo também analisar o impacto da violência obstétrica em mulheres negras, explorando as interseções de raça e gênero que afetam sua experiência durante a gestação. Essa pesquisa surge da necessidade de compreender os danos e desafios enfrentados por essas mulheres, que frequentemente carecem de apoio de familiares e profissionais de saúde, resultando na negação de sua autonomia em decisões sobre saúde reprodutiva. Reconhecida como um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde, a violência obstétrica expõe as mulheres negras a riscos amplificados devido a fatores sociais e econômicos. Busca promover a equidade em saúde e garantir cuidados respeitosos durante a gravidez, parto e pós-parto. Além disso, visa fornecer subsídios para a formação de profissionais de saúde e a elaboração de políticas mais justas e sensíveis às realidades culturais, sociais e religiosas, capacitando mulheres negras a fazer escolhas informadas sobre sua saúde e bem-estar.

MÉTODOS

TIPO DE ESTUDO

Trata-se de revisão integrativa para o desenvolvimento do estudo, permitindo a inclusão de diversos artigos qualitativos e quantitativos publicados em várias plataformas Pub Med, Scielo e BVS, com o objetivo de aprofundar a compreensão do tema. A revisão integrativa foi escolhida como metodologia, pois permitiu a síntese e análise crítica de diferentes tipos de estudos, proporcionando uma visão abrangente e detalhada sobre o fenômeno estudado. Essa abordagem foi selecionada devido à sua flexibilidade e à capacidade de reunir evidências diversas, permitindo uma análise mais completa acerca do tema mencionado.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

A pesquisa tem como foco mulheres que vivenciaram violência obstétrica, de diferentes faixas etárias, status socioeconômico e contexto cultural. Mulheres negras, incluindo uma análise de aspectos relacionados ao racismo estrutural, discriminação institucional e disparidades raciais no sistema de saúde. Profissionais de saúde, que são envolvidos no atendimento obstétrico para entender como práticas, atitudes e políticas contribuem para tal violência.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção dos artigos consistem em trabalhos completos publicados em português e inglês, que abordassem mulheres negras como participantes ou como objeto de interesse, com foco na experiência da violência obstétrica e seus desdobramentos, que engloba revisões integrativa, dados epidemiológicos. Tendo, o contexto de interesse as áreas de saúde pública. Por outro lado, os critérios de exclusão abrangem manuais de saúde, estudos não focados exclusivamente em mulheres negras, artigos pagos e jornais.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Foi feito uma busca criteriosa de estudos, para assim serem analisados e discutidos de forma rigorosa, sem plágio e preservando o pensamento dos autores. A coleta de dados se iniciou no mês de fevereiro de 2024, nas bases de dados SciELO, Pub med e BVS com os seguintes descritivos presente nos descritores (DeCS): Conhecimentos, atitudes e praticas em saúde, sobre o corpo da mulher negra e a violência obstetrícia. A análise quanto à síntese dos

dados extraídos dos artigos foi realizado de forma descritiva, possibilitando observar, contar, descrever e classificar os dados, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado na revisão, como mostra na tabela 1.

Tabela 1. Estratégia de busca utilizada nas bases de dados

PCC	Termos de busca		
P: mulheres negras #1	(Mulheres OR Mulher) AND (Preta OR Negra OR Parda)	"Women"[Mesh] AND "Black People"[Mesh] OR (Negroid Race)	(Mujer OR Niñas) AND (Población Negra OR Afrodescendientes)
C: violência obstétrica #2	(Violência Obstétrica) OR (Racismo)	(Obstetric Violence) OR "Gender-Based Violence"[Mesh] OR "Racism"[Mesh] OR (Racial Discrimination) OR (Racial Prejudice)	(Violencia Obstétrica) OR (Racismo)
C: pré-natal, parto e pós-parto #3	(Cuidado Pré-Natal) OR (Consulta Pré-Natal) OR (Parto) OR (Período Pós-Parto) OR (Puerpério)	"Prenatal Care"[Mesh] OR "Parturition"[Mesh] OR "Postpartum Period"[Mesh] OR (Puerperium) OR (Postpartum)	(Atención Prenatal) OR (Parto) OR (Periodo Posparto) OR (Puerperio)
	#1 AND #2 AND #3		

Fonte: Autoria própria, 2024.

ANÁLISE DOS DADOS

O desenvolvimento da revisão integrativa seguiu seis etapas principais: A primeira etapa consistiu na identificação do problema de pesquisa, formulado por meio de uma questão orientadora. Em seguida, foi realizada a busca de literatura nas bases de dados PubMed (US National Library of Medicine), (Scientific Electronic Library Online) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) utilizando palavras-chave relevantes combinadas com operadores booleanos para garantir uma busca abrangente e precisa.

Na terceira etapa, ocorreu a seleção dos estudos, onde os títulos e resumos dos artigos foram avaliados de acordo com critérios predefinidos, incluindo publicações dos últimos 10 anos e textos em português e inglês. Apenas os estudos que abordaram diretamente o tema de interesse foram incluídos para análise completa. O quarto passo envolveu a extração de dados dos estudos selecionados, coletando informações relevantes, como autor, ano de publicação,

objetivo, metodologia, principais resultados e conclusões, que foram organizadas em uma tabela para facilitar a análise e comparação.

Na quinta etapa, foi realizada a análise dos dados, utilizando uma síntese integrativa para identificar padrões, lacunas e tendências nas evidências disponíveis. Por fim, a última etapa envolveu a apresentação dos resultados, onde os achados foram apresentados de forma descritiva e crítica, destacando as principais contribuições dos estudos selecionados e as lacunas na literatura sobre o tema. A partir disso, foi possível discutir as implicações dos resultados para as práticas de saúde e para a formulação de políticas públicas.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo apresenta como limitação a ausência de uma pesquisa de campo própria, o que impediu a coleta direta de relatos de mulheres negras sobre a violência obstétrica. Dessa forma, a análise baseou-se em dados secundários, ou seja, informações de pesquisas de campo realizadas por outros autores. Essa dependência pode limitar a profundidade e a representatividade dos dados, reforçando a necessidade de estudos futuros que incluam relatos diretos para uma compreensão mais detalhada do tema.

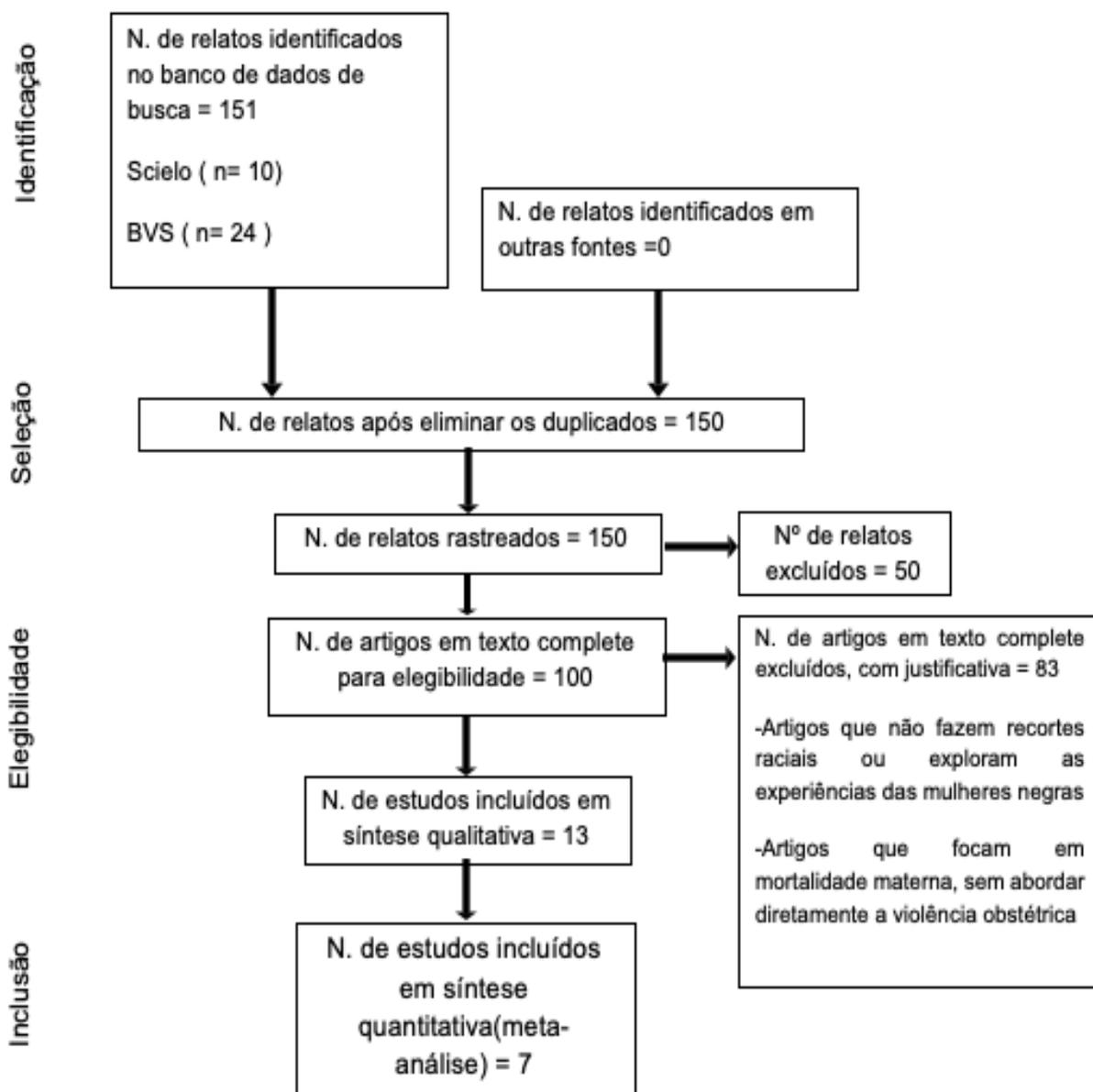
RESULTADOS

Foram identificadas 151 publicações nos bancos de dados de busca, sendo 10 na Scielo, 24 na BVS e 117 na PubMed. Não foram identificados relatos em outras fontes. Após a eliminação de duplicatas, 150 relatos permaneceram para análise.

Durante a fase de rastreamento, 150 relatos foram triados, e 50 foram excluídos. Com isso, 100 artigos de texto completo foram avaliados para elegibilidade. Desses, 83 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios definidos, entre eles: artigos que não faziam recortes raciais ou que não exploravam diretamente as experiências das mulheres negras; artigos que focavam em mortalidade materna sem abordar diretamente a violência obstétrica.

Após essa triagem, 15 estudos foram incluídos na síntese qualitativa e 5 estudos foram incluídos na síntese quantitativa (meta-análise). As características dos estudos incluídos estão apresentadas no Quadro 2. A amostra (n=20) foi composta, em sua maioria, por estudos realizados no Brasil. Dentre esses artigos, 15 são qualitativos e 5 quantitativo. Assim, a amostra final desta revisão foi composta por 20 artigos (figura 1).

Os resultados mostram que o racismo estrutural no Brasil, derivado de mais de três séculos de escravidão, ainda afeta significativamente a população negra. Esse legado histórico consolidou a desigualdade racial, refletida em diversas áreas, principalmente na educação, renda e saúde. A população negra enfrenta, de maneira desproporcional, piores indicadores sociais e econômicos, sendo excluída ou marginalizada em diversos setores essenciais, incluindo o sistema de saúde. Essa exclusão contribui para a perpetuação de um ciclo de vulnerabilidade que impacta diretamente a qualidade de vida dos negros no país.



Fonte: Autoria própria.

Quadro 2: Descrição metodológica dos estudos incluídos nesta revisão.

N	Autores (Ano) País	Objetivo	Tipo de estudo	Principais resultados
1	Karla Adriana Oliveira da Costa, et al. (2022) Scielo Portugal	, O artigo aborda a violência obstétrica como uma forma de violência de gênero, destacando o racismo que aumenta a vulnerabilidade das mulheres negras.	Pesquisa quantitativa	o artigo relata as atividades de um coletivo antirracista sob uma abordagem interseccional. Os resultados sugerem a necessidade de uma investigação sociológica abrangente sobre a saúde reprodutiva das mulheres racializadas e a importância dos movimentos sociais nesse campo
2	Oliveira, Ellen Hilda Souza de Alcântara 2018) Brasil	. O artigo investiga a violência obstétrica vivida por mulheres negras durante o ciclo gravídico-puerperal (pré-natal, parto e pós-parto) em um hospital público de Feira de Santana, Bahia.	Pesquisa qualitativa	A pesquisa envolveu 13 mulheres negras, de 18 a 45 anos, com gestações de risco habitual ou alto risco.
3	Leal, Maria do Carmo_et al . (2017)	O estudo avaliou as iniquidades na atenção pré-natal e no parto segundo raça/cor, utilizando o método de pareamento por escores de propensão.s tiveram melhor acesso ao cuidado.	Pesquisa quantitativa	Os resultados mostram que mulheres pretas têm 1,6 vezes mais chances (OR = 1,6) de receber um pré-natal inadequado em comparação às brancas, e mulheres pardas também apresentam maior risco (OR = 1,2)
4	Belfort, Ilka Kassandra Pereira, et al. (2016). Brasil	Essa pesquisa descritiva exploratória investigou a assistência ao ciclo gravídico-puerperal de mulheres negras em Icatu, Maranhão.	Pesquisa qualitativa	negras em Icatu, Maranhão. Foram entrevistadas 26 puérperas negras, com idades entre 10 e 39 anos, sendo que 50% tinham entre 20 e 24 anos.
5	Diniz, Carmen Simone Grilo, et al. (2016) Brasil	O artigo analisou mudanças nas desigualdades sociodemográficas e na assistência à maternidade no Sudeste do Brasil, com foco em raça/cor, utilizando dados do inquérito Nascer no Brasil (2011-2012).	Pesquisa quantitativa	Mulheres pretas e pardas tiveram menos consultas e ultrassonografias, maior número de cuidados pré-natais inadequados, maior paridade e mais casos de síndromes hipertensivas.
6	Santos, Jaqueline	o estudo analisa como o parto é um procedimento carregado de	Pesquisa qualitativa	Realizou um levantamento e

	Maria, et al. (2016)	dimensões políticas, sociais e culturais, consequentemente deixando sequelas não só físicas como psicossociais.		análise de pesquisas existentes (tanto quantitativas quanto qualitativas) sobre a violência obstétrica e sua interseccionalidade com a raça e o gênero.
7	Lima, Kelly Diogo et al. 2021 SciELO	Compreender e analisar as vivências de mulheres negras acerca dos cuidados na gestação, no parto e no pós-parto. de intervenções obstétricas entre o grupo analisado.	Pesquisa quantitativa	Foram entrevistadas mulheres que se autodeclararam negras ou pretas e que passaram pelos serviços públicos de saúde nos municípios de Pernambuco. As narrativas discorrem sobre os temas da violência obstétrica e do racismo institucional. Foi possível observar, a partir das narrativas, episódios de violências obstétricas de caráter físico, verbal e institucional.
8	Millani, Souza de Almeida. (2017) Bvs. Brasil	Comparar a utilização do cuidado pré-natal adequado entre mulheres negras e brancas no Brasil.	Pesquisa quantitativa	A magnitude da adequação global do cuidado pré-natal foi estimada, mostrando que a utilização dos serviços varia consideravelmente entre mulheres negras e brancas.
9	Vanessa Cristina dos Santos Saraiva et al 2023 Scielo	Analisar as iniquidades em saúde, com foco na violência obstétrica enfrentada por mulheres negras, e entender o papel do racismo institucional nesse contexto.	Pesquisa qualitativo	As mulheres negras relataram diversas formas de violência obstétrica, incluindo desrespeito, falta de consentimento informado e negligência durante o parto, evidenciando um padrão de atendimento desigual e discriminatório.
10	Kelly Diogo de Lima et al 2021 Bvs	Compreender e analisar as vivências de mulheres negras acerca dos cuidados na gestação, no parto e no pós-parto.	Pesquisa qualitativo	Durante o parto, as mulheres relataram sentimentos de medo e insegurança, frequentemente associados à falta de apoio emocional e à percepção de

				desumanização no atendimento. Algumas relataram experiências de violência obstétrica, o que intensificou a sensação de vulnerabilidade durante esse momento crucial.
11	Jussara Francisca de Assis; 2018 Scielo	trazer os conceitos interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos para compreender a violência obstétrica relacionada às mulheres negras na saúde.	Pesquisa qualitativo	Este artigo procurou trazer à tona a problemática vivenciada por mulheres negras e pobres em período gravídico puerperal nos serviços públicos de saúde.
12	Leseliey Welch et al, 2022 Pub Med	O artigo descreve um afastamento dos modelos tradicionais de pesquisa supremacista branca que privilegiam resultados quantitativos em detrimento de processos iterativos, experiências vividas e conscientização.	Pesquisa qualitativo	Uma abordagem de organização comunitária para o desenvolvimento de centros de parto liderada por mulheres negras e enraizada em valores de equidade de segurança, amor, confiança e justiça é delineada.
13	K Eliza Williamson 2021 Pub Med Estados unidos	O artigo mostra como as mulheres afro-brasileiras vivenciam o racismo anti-negro na assistência obstétrica, que o artigo argumenta que pode ser melhor compreendido por meio do argumento que pode ser melhor compreendido por meio do conceito de racismo obstétrico de Dána-Ain Davis.	Pesquisa qualitativo	O artigo sugere que tais formas de violência revelam as facetas necropolíticas da governança reprodutiva e que o enquadramento da violência obstétrica amplia as escalas e temporalidades da iatrogenia
14	Isabel Morgan et al., 2021	O estudo busca compreender como as desigualdades raciais impactam especificamente as mulheres negras no contexto do parto, com foco em como essas populações enfrentam sistemas desarticulados de atendimento à saúde mental durante e após o parto.	Pesquisa qualitativo	Os resultados indicam que as mulheres negras enfrentam barreiras significativas no acesso e na qualidade do cuidado obstétrico, exacerbadas por fatores como discriminação racial e falta de apoio adequado à saúde mental. Essas desigualdades resultam em maior

				<p>incidência de traumas relacionados ao parto, subdiagnóstico de transtornos mentais pós-parto, e uma sensação de abandono pelas instituições de saúde. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e treinamentos para os profissionais de saúde no reconhecimento e tratamento dessas vulnerabilidades.</p>
15	<p>Deysianne Costa das Chagas et al., 2020 Pub Med Brasil</p>	<p>O estudo analisou a desigualdade racial na assistência ao parto na Rede Cegonha, focando em como diferentes práticas obstétricas variam entre mulheres negras e brancas. Apesar de alguns indicadores mostrarem que mulheres negras receberam práticas de parto que poderiam ser vistas como boas práticas brancas.</p>	<p>Estudo quantitativo</p>	<p>O artigo mostra que mulheres negras receberam práticas de parto que poderiam ser vistas como boas práticas, como menos tempo em litotomia e menos episiotomias, a análise ajustada para fatores como idade e escolaridade ainda indicou discriminação racial. Em outros indicadores, a influência da cor da pele desapareceu após ajustes, sugerindo que a discriminação pode não afetar todas as práticas de forma uniforme</p>
16	<p>Laura Attanasio et al., 2015 Pub Med Estados Unidos</p>	<p>Analisar a experiência de mulheres no pré-natal e na internação para o parto, focando nos problemas de comunicação e na percepção de discriminação.</p>	<p>Pesquisa quantitativo</p>	<p>Mais de 40% das mulheres relataram problemas de comunicação durante o pré-natal, indicando dificuldades na interação com profissionais de saúde que afetaram a compreensão das informações e orientações recebidas. Além disso, 24% das participantes perceberam discriminação durante a internação para o parto, o que gerou sentimentos de</p>

				desconfiança e insegurança em relação ao atendimento recebido. Esses dados evidenciam a necessidade urgente de melhorias na comunicação entre profissionais de saúde e pacientes, além da implementação de políticas que combatam a discriminação e promovam um ambiente de cuidado mais respeitoso e inclusivo
17	Carmo, Carolina Barbosa Carvalho do et al., 2022 Bvs Brasil	Os principais achados do estudo revelam desigualdades significativas no acesso e na qualidade do atendimento às mulheres negras em comparação com as brancas.	Pesquisa qualitativo	As mulheres negras são mais propensas a utilizar sistemas de saúde públicos e a ter menos consultas pré-natal. Além disso, elas relataram mais frequentemente maus- tratamentos, tiveram menos anestesia durante episiotomias e enfrentaram restrições na presença de acompanhantes durante o parto
18	Rodrigues, Ariene Alexandra. 2020 Bvs. Brasil	Compreender as experiências e estratégias de enfrentamento de ativistas negras em relação ao racismo e à violência obstétrica por meio de uma abordagem etnográfica.	Pesquisa qualitativo	O estudo, que empregou uma abordagem etnográfica com observação participante e entrevistas com 14 ativistas negras, revelou um panorama detalhado das percepções e estratégias de enfrentamento dessas mulheres em diversos espaços de discussão sobre racismo e violência obstétrica. As ativistas compartilharam experiências de discriminação e opressão, além de

				estratégias coletivas para promover mudanças nas políticas de saúde. A metodologia permitiu um aprofundamento nas suas vivências, destacando a importância do ativismo como um meio de resistência e transformação social frente à violência institucional e ao racismo.
19	Karla Adriana Oliveira da Costa et al., 2022 . Brasil	O estudo visa romper com o silêncio em torno da violência obstétrica e transformar essa discussão em ação, destacando a urgência de enfrentar as opressões e desigualdades raciais nos cuidados obstétricos.	Pesquisa qualitativo	Os principais resultados apontam para a necessidade de desenvolver uma investigação sociológica mais aprofundada sobre as experiências de saúde reprodutiva dessas mulheres e a importância dos movimentos sociais na promoção dessa investigação.
20	Kelly Diogo de Lima et al., 2021 Bvs Brasil	O estudo revela que a interseção de fatores como raça, classe e gênero desempenha um papel crucial nas práticas abusivas e nas intervenções durante o parto.	Estudo qualitativo	Evidência que o racismo estrutural dificulta o acesso das mulheres negras aos seus direitos reprodutivos.

DISCUSSÃO

No campo da saúde, o racismo institucional se manifesta de forma contundente, afetando diretamente a população negra, que frequentemente enfrenta negligência no diagnóstico e tratamento de doenças prevalentes, como a anemia falciforme. Essa realidade reflete uma desigualdade estrutural que perpetua disparidades nos serviços de saúde, tornando o acesso a cuidados de qualidade uma meta distante para muitas pessoas negras (Queiroz, 2020).

Para as mulheres negras, as desigualdades no atendimento de saúde são ainda mais intensas. Enfrentando uma dupla discriminação — de gênero e de raça — essas mulheres estão sujeitas a um atendimento menos atencioso, o que se reflete nas elevadas taxas de mortalidade materna entre essa população. Comparativamente, mulheres negras apresentam uma

prevalência maior de transtornos mentais em relação às mulheres brancas, realidade que demanda atenção e soluções específicas (Costa et al., 2021).

A violência contra a mulher, um problema complexo e multidimensional, afeta a saúde física e mental das mulheres negras de forma exacerbada. Essa violência se apresenta tanto de maneira coletiva quanto interpessoal, abrangendo desde a violência doméstica até formas extremas de submissão, como a escravidão sexual. Tais práticas perpetuam o ciclo de discriminação e exclusão dessas mulheres, fragilizando ainda mais o acesso delas aos cuidados de saúde (Leite et al., 2019).

No contexto da assistência ao parto, a violência obstétrica é uma expressão da violência de gênero que reflete desigualdades de poder e se manifesta por meio de maus-tratos e negligência. Esse tipo de violência, muitas vezes silenciada, torna o processo de parto uma experiência traumática para muitas mulheres negras, que já enfrentam condições de vulnerabilidade. Os maus-tratos e a falta de atenção à dor dessas mulheres revelam um descompasso na prestação de serviços de saúde (Pereira, et al; 2021).

No Brasil, os dados sobre mortalidade materna mostram que a desumanização do atendimento médico atinge as mulheres negras de forma particularmente alarmante. Esse cenário é agravado pela falta de preparo e sensibilidade dos profissionais de saúde quanto às necessidades específicas dessa população, o que contribui para a alta prevalência de transtornos mentais entre as mulheres negras (Queiroz, 2020; Costa et al., 2021).

A hipersexualização das mulheres negras, uma herança do período escravocrata, ainda molda a percepção da sociedade e dos profissionais de saúde sobre essa população. O estereótipo de que são “fortes” e “resistentes à dor” frequentemente resulta em uma assistência desumanizada, onde suas queixas são ignoradas ou minimizadas. Esse estigma reflete uma violência simbólica que contribui para a perpetuação das desigualdades na saúde (Silva et al., 2019).

Essa visão estereotipada afeta não apenas o atendimento físico, mas também a saúde mental das mulheres negras. O estresse acumulado pelas discriminações diárias, associado à dificuldade de acesso a serviços de saúde mental, intensifica quadros de ansiedade, depressão e outros transtornos psicológicos. Em muitos casos, a negligência e a falta de empatia dos profissionais de saúde agravam esses problemas, tornando o acesso a um tratamento adequado ainda mais distante (Queiroz, 2020). Ademais, as desigualdades de poder e o racismo institucional são evidentes nos dados de saúde mental das mulheres negras. A ausência de

políticas de apoio e acolhimento, somada à falta de empatia no atendimento, cria uma barreira que impossibilita que essas mulheres busquem e recebam o tratamento necessário. Isso evidencia uma falha estrutural que precisa ser enfrentada com urgência.

Para que haja uma transformação nesse cenário, é necessário que o racismo seja reconhecido como um determinante social de saúde. Somente a partir do reconhecimento dessa questão será possível implementar mudanças nos serviços de saúde, promovendo um atendimento equitativo que garanta a todas as mulheres o respeito e a dignidade que merecem. A promoção de uma saúde equitativa passa pela implementação de políticas públicas que considerem as necessidades específicas das mulheres negras. É fundamental que os gestores e profissionais de saúde assumam o compromisso de combater essas desigualdades, promovendo um atendimento humanizado e inclusivo que atenda de forma adequada as demandas dessa população (Piris et al., 2021).

Assim, para garantir uma melhora significativa na saúde da população negra, principalmente das mulheres, é imprescindível investir em formação e capacitação para que os profissionais de saúde estejam preparados para oferecer um cuidado digno e respeitoso. A transformação no atendimento depende de um esforço coletivo para construir um sistema de saúde mais justo e inclusivo para todos (Costa et al., 2021).

CONCLUSÃO

Conclui-se que o racismo e o sexismo impactam diretamente a saúde das mulheres negras no contexto da violência obstétrica, reforçando desigualdades históricas e estruturais. Movimentos antirracistas e feministas têm sido essenciais para denunciar essas práticas, e políticas públicas como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra representam avanços importantes. No entanto, é fundamental que os profissionais de saúde recebam capacitação adequada para fornecer um atendimento humanizado, respeitoso e livre de preconceitos. O estudo reforça a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a prevenção da violência obstétrica, destacando o papel da equipe de enfermagem no cuidado às mulheres negras e promovendo o respeito à sua autonomia e direitos reprodutivos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, J. F. DE. Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica. **Serviço Social & Sociedade**, n. 133, p. 547-565, dez. 2018. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/JfVQpC8kyzshYtTxMVbL5VP/abstract/?lang=pt>.

ATTANASIO, L.; KOZHIMANNIL, K. B. Patient-reported Communication Quality and Perceived Discrimination in Maternity Care. **Medical Care**, v. 53, n. 10, p. 863–871, 2015. Disponível: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26340663/>

BRASIL. Ministério Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política do SUS**. 2010. [s.l.: s.n.]. Disponível: : <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_integral_populacao.pdf>. CARNEIRO, A. DE N. Saúde, ativismos e pedagogia feminista: a feminária musical no contexto da Universidade Federal da Bahia. **repositorio.ufba.br**, 16 jan. 2020. Disponível: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31273>>.

CLARK, R., ANDERSON, N. B., CLARK, V. R., & WILLIAMS, D. R. O racismo como estressor para os afro-americanos: um modelo biopsicossocial. **Psicólogo Americano**, 1999. Disponível: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0003-066X.54.10.805>.

COSTA, K. A. O. DA et al. Racismo obstétrico em Portugal: Relato de experiência de um coletivo antirracista. **Fórum Sociológico. Série II**, n. 41, p. 7–14, 15 dez. 2022. Disponível em: https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So872-83802022000200007&lang=pt

GOMES, B. O corpo na representação social das mulheres da comunidade Boa Esperança. 2006. (Mestrado), **João Pessoa**. Disponível: : <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4715>>.

DINIZ, C. et al. Desigualdades sociodemográficas e na assistência à maternidade entre puérperas no Sudeste do Brasil segundo cor da pele: dados do inquérito nacional Nascer no Brasil (2011-2012). **Saúde Soc**, p. 561–572, 2016. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-830857>

HILDA, E. Mulheres negras vítimas de violência obstétrica: estudo em um Hospital Público de Feira de Santana - Bahia. **Bvsalud.org**, p. 119–119, 2018. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1562502>

SILVA, T. F. R; FIGUEIRA, J. M. R.; SILVA, S. R. V. **Racismo institucional e saúde da mulher negra: reflexões acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, os serviços de saúde pública e o serviço social**. 2019.

SARAIVA, V. C. DOS S.; CAMPOS, D. DE S. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 2511–2517, 4 set. 2023. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/csc/a/sFDfnydHkyXcQLbLLPyjLkz/abstract/?lang=pt>

SANTOS, J. et al. Inovações e oportunidades no cuidado de mães negras e parturientes. **Saúde da família e comunidade**, v. 46, n. 2, p. 87–94, 2023. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021622>

SOUZA, M. Cuidado pré-natal a mulheres negras e brancas no Brasil: indicador de adequação e fatores associados. **Bvsalud.org**, p. 95P95P, 2017. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1120169>

LEITE, T. H. et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 483-491, 21 de abril de 2024. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/csc/a/vWq9rQQg8B8GhcTb3xZ9Lsj/abstract/?lang=pt>

LEAL et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cad. Saúde Pública (Online)**, p. e00078816-e00078816, 2017. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-952349>

LIMA, K. D. DE; LEWIS, L.; LYRA, T. M. “O escuro das cores, na pele afrodescendente, herdeira das dores”: dimensões do racismo no contexto de assistência ao parto. **Physis (Rio J.)**, p. e310119-e310119, 2021. Disponível: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wbq3FxQH7HmVMYSp7Y9dntq/?lang=pt#>

LIMA, K. D. DE; PIMENTEL, C.; LYRA, T. M. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. suppl 3, p. 4909-4918, out. 2021. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/csc/a/wbq3FxQH7HmVMYSp7Y9dntq/abstract/?lang=pt>

LIMA, Kelly Diogo de. **Raça e violência obstétrica no Brasil** | Recife; s.n; 2016. 24 p. ilus. | LILACS. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-983390>

OLIVEIRA, D. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. Salvador – BA: Dandara Editora, 2021. Disponível: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oyhLEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=.+Racismo+estrutural:+uma+perspectiva+hist%C3%B3ricocr%C3%ADtica.+Salvador+%E2%80%93+BA:+Dandara+Editora,+2021.+&ots=BtlkijNU_c&sig=Gv_pDTBG4w1JEz7tHqI_zODaYe8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

PEREIRA, T. L. S; COSTA, K S. Direitos humanos e violência obstétrica: A Importância da Legislação para Garantir Dignidade às Mulheres. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 50, p. 1-15, 2024. Disponível em : <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/74>

PIRES, A.; SANTOS, P.; MOREIRA, S. B. Análise da violência obstétrica no Brasil como violação do direito integral à saúde da mulher. **Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica (ISSN: 2316-8226)**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível: <https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_igualdade_racial.pdf>.

PEREIRA, K.; KALCKMANN, S.; BATISTA, L. E. Assistência ao parto de mulheres negras em um hospital do interior do Maranhão, Brasil. **Saúde Soc**, p. 631-640, 2016. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-830850>

QUEIROZ, Mendes, J. Mulher negra e a escravidão: entre dilemas e desafios. **Anais V ENLAÇANDO**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível: <<https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30643>>.

RODRIGUES, A. “É racismo que está aqui, e é isso que vai pautar até o fim”: o ativismo de mulheres negras sobre violência obstétrica. p. 173-173, 2020. Disponível em :

<https://criola.org.br/wp-content/uploads/2023/07/E%CC%81-racismo-que-esta%CC%81-aqui-e-e%CC%81-isso-que-vai-pautar-ate%CC%81-o-fim-O-ativismo-de-mulheres-negras-sobre-viole%CC%82ncia-obste%CC%81trica.pdf>

SANTOS, A. L. C.; LOPES, J. R. Retrocesso Social: Um discurso antifeminista. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 50, p. 1-22, 2024. Disponível em : <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/23>

SANTOS, J. M.; OLIVEIRA, T. L.; SOUZAS, R. Parto, mulher negra e violência: corpos invisíveis? **BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.)**, p. 112-119, 2016. Disponível em : <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021622>

SARAIVA, V. et al. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2023, v. 28, n. 09. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/csc/a/sFDfnydHkyXcQLbLLPyjLkz/abstract/?lang=pt>

SILVA, T. F. D. R.; FIGUEIRA, J. M. R.; SILVA, S. R. V. D. Racismo institucional e saúde da mulher negra: reflexões acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, os serviços de saúde pública e o serviço social. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018. Disponível : : <<https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22655>>.

SOARES, I. **A violência obstétrica no Brasil**. 2019. Disponível: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?format=pdf>

SOUZA, M. Cuidado **pré-natal a mulheres negras e brancas no Brasil**: indicador de adequação e fatores associados., p. 95P95P, 2017. Disponível em : https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23692/1/millani_souza_de_almeida.pdf

WILLIAMSON, K. E. The iatrogenesis of obstetric racism in Brazil: beyond the body, beyond the clinic. **Anthropology & Medicine**, v. 28, n. 2, p. 172-187, 3 abr. 2021. Disponível: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34180281/>